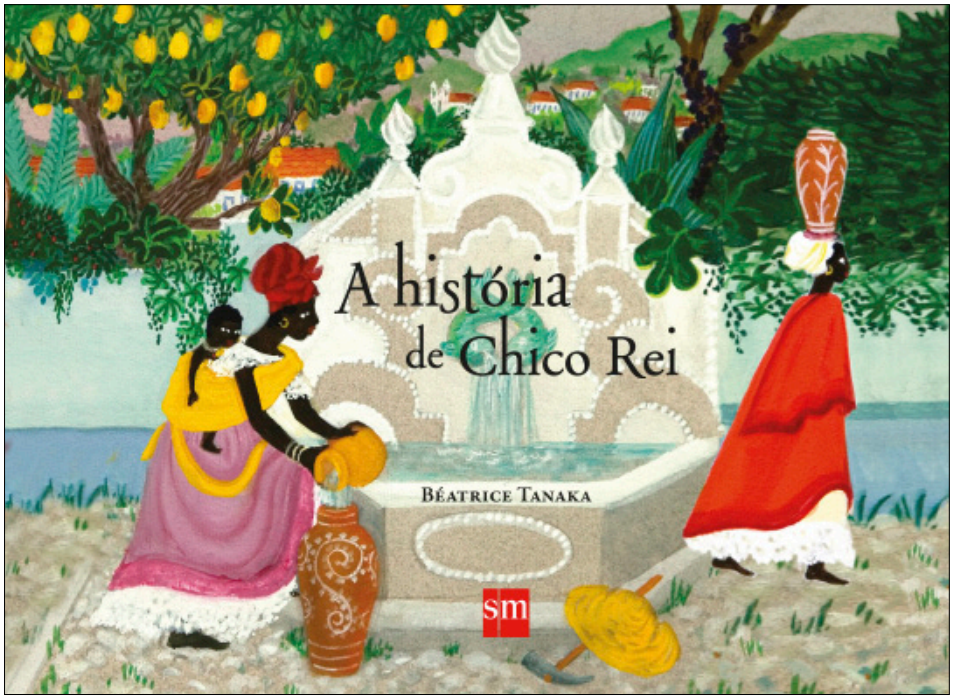
A história de Chico Rei

Béatrice Tanaka

Ilustrações da autora
Temas Brasil colonial • Ciclo do ouro • Escravidão • Carnaval

GUIA DE LEITURA
PARA O PROFESSOR



2ª edição
56 páginas

A autora Nascida em 1º de março de 1932, na cidade de Czernowitz (então pertencente à Romênia, hoje na Ucrânia), numa família de origem judaica, **Béatrice Tanaka** (Lauder era seu nome de solteira, mudado para Tanaka após o casamento com o pintor nipo-brasileiro Flávio-Shiró Tanaka, em 1955) viveu desde muito cedo a experiência do exílio. Em 1944, ela e sua família, fugindo da ocupação alemã, atravessaram o mar Negro e a Turquia e foram dar na Palestina, onde ficaram três anos antes de desembarcar no Brasil, longe dos horrores da guerra. Assim, Béatrice conheceu a estrela vermelha de Stálin, a amarela de Hitler e a azul de Davi antes de avistar o brilho das estrelas do Cruzeiro do Sul. Exilada sob tantos céus, não é de espantar que se identificasse com a história de Chico Rei, rei africano escravizado que também sofreu as dores do exílio.

Cidadã do mundo naturalizada brasileira, Béatrice cursou línguas modernas e pedagogia na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, e desenho na Escolinha de Guignard, ambas em Belo Horizonte (MG). Nos anos 1950-1960, em Paris, estudou teatro na Sorbonne e na Université du Théâtre des Nations, cenografia no Atelier D'Essai des Décorateurs Maquettistes de Théâtre e desenho e artes gráficas na École Paul Colin.

Criou cenários e figurinos para teatro, participou de muitas exposições individuais e coletivas de cenografia (no Brasil e no exterior), engajou-se em movimentos pacifistas, ecológicos e em defesa dos direitos da criança, e também se dedicou à literatura. Escreveu e ilustrou mais de quarenta livros, traduzidos em vários países. Por esses trabalhos, obteve importantes prêmios e participou, como ilustradora, de exposições nas Bienais de Bratislava e Leipzig e nas Feiras de Livro de Bolonha e Frankfurt, entre outras.

Dividindo seu tempo entre Paris e Rio de Janeiro, ela continua a produzir livros para crianças e adolescentes, além de criar cartazes para bibliotecas e espetáculos, bem como cartões para organismos internacionais, como Unicef e Artisans du Monde.

Fonte: Junqueira, Christine. **Béatrice Tanaka**: dos figurinos e cenários à literatura. Disponível em: <http://j.mp/aGzHe6>. Acesso em: nov. 2015.

Explorações paralelas

IRMANDADES NEGRAS

Na crônica "Rosário dos homens pretos", de *Passeios na ilha* (1952), Carlos Drummond de Andrade escreve sobre a importância das irmandades de pretos no Brasil. Uma das primeiras irmandades foi fundada no Rio de Janeiro, em 1640, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, outro santo negro venerado pelos escravos, que se tornou muito popular no Brasil. Mas a maioria das irmandades, muitas localizadas em Minas Gerais, surgiu a partir do início do século XVIII. A devoção dos negros a Nossa Senhora do Rosário vinha do fato de missionários portugueses terem introduzido o culto à santa no Reino do Congo. Para os senhores brancos, a reunião dos negros em agremiações religiosas parecia ser um meio de abafar os ânimos revolucionários dos escravos, servindo como consolo e estímulo à resignação. Muitas vezes, alguns cargos das irmandades de negros eram ocupados por brancos, como forma de controle. Na prática, contudo, as irmandades acabavam fortalecendo a unidade e a autoafirmação dos negros e funcionavam como instrumento de reivindicação política. Na lista de deveres da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos do Rio de Janeiro, datada de 1883, constam, entre outras obrigações, "cuidar da educação dos filhos legítimos dos irmãos que morrerem em indigência etc." e "libertar da escravidão os irmãos cativos".

O ÁLBUM

A história do rei africano tornado escravo no Brasil, recontada em palavras e imagens é o elemento central de *A história de Chico Rei*. No entanto, a obra é também composta de outros textos relacionados à personagem-título. Da própria autora, há um depoimento autobiográfico, intitulado "Pequeno caderno de lembranças da autora". Nele Béatrice fala de seu primeiro contato com a arte mineira (nas aulas do pintor Guignard), Ouro Preto e a Igreja de Santa Efigênia, de uma **irmandade negra**, e ainda nos conta como a cultura popular brasileira, mescla de influências ibéricas, indígenas e africanas, inspiraria sua produção artística.

O livro também traz um texto sobre carnaval, "Escola de samba, uma escola de vida", de Maria Augusta Rodrigues, que evoca o histórico desfile da Salgueiro em 1964, quando Chico Rei foi tema do samba-enredo, além de oferecer informações sobre a origem e o funcionamento das escolas de samba.

Assim, o álbum reúne textos de natureza variada, dando testemunho da multiplicidade de manifestações artísticas em torno da figura desse herói africano, ícone da luta pela emancipação dos negros.

O fortalecimento dos negros dentro das irmandades exclusivas (havia também irmandades só de brancos ou pardos) teria resultado no ganho de algumas disputas, como a luta pelo controle da capela que viraria Igreja de Santa Efigênia, de acordo com o relato de Diogo de Vasconcelos citado por Drummond: "Quando os irmãos brancos do Rosário puseram-se a rixar com os pretos [...] viram pela primeira vez as panelas de barro quebrarem as de ferro. Perderam por isso a partida; e a Capela do Alto da Cruz passou à mansa e pacífica posse dos fracos, de mais a mais guiados pelo seu príncipe, um negro forro Francisco, o Chico Rei, como o chamavam...". (Andrade, Carlos Drummond de. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p. 1.386).

LEITURA DA OBRA

Entre a lenda e o fato histórico

Ainda hoje há controvérsias sobre a veracidade da história de Chico Rei. Teria de fato existido um homem por trás do mito?

Muitos historiadores sustentam que não há fontes documentais suficientes que lhe comprovem a existência. A ficção criada em torno do herói africano seria fruto da historiografia romântica do século XIX e início do século XX, em que o ideário republicano procura histórias e personagens para representar a fundação da nação brasileira. Dessa maneira, a figura de Chico Rei resultaria da mistura de traços de diferentes personagens históricas.

Duas das principais fontes escritas que contribuíram para a construção da narrativa de Chico Rei foram o relato do historiador mineiro Diogo de Vasconcelos (1843-1927) em seu livro *História antiga das Minas Gerais* (1904) e o romance de Agripa Vasconcelos (1896-1969) intitulado *Chico Rei – romance do ciclo da escravidão em Minas Gerais* (1966).

O primeiro é citado por autores como Manuel Bandeira, em seu *Guia de Ouro Preto*. Já o livro de Agripa Vasconcelos apresenta-se como um romance com pretensões de registro histórico, conforme se lê na orelha da obra: "[...] conseguiu Agripa Vasconcelos reunir material suficiente para demonstrar – e com que brilhantismo! – que a sua história tem muito mais de realidade do que de lenda: é, inequivocamente, História, com maiúscula."

O CONGADO

Uma importante forma de resistência exercida por meio das irmandades de homens negros se dava nas festividades do *reinado*. Fruto da diáspora negra, o reinado foi criado no Brasil, misturando elementos da cultura africana com a devoção popular aos santos católicos, exemplo de sincretismo religioso. No reinado, os escravos restauravam simbolicamente a realeza africana, reforçando a memória de seus povos e seus laços culturais, ao mesmo tempo que prestavam homenagem a Nossa Senhora do Rosário e aos outros santos venerados pela comunidade negra, como São Benedito e Santa Efigênia.

Segundo o folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo, a parte principal dos reinados era a coroação dos reis de Congo, "denominação comum que abrangia sudaneses e bantos" (Câmara Cascudo, Luis da. *Dicionário do folclore brasileiro*. 11 ed. São Paulo: Global, 2002, p. 150). Daí viria o nome *congado*, *congada* ou simplesmente *congo*, embora a denominação *reinado* ainda vigore em algumas localidades do Brasil. Todos os anos, as irmandades elegiam um rei e uma rainha, que saíam cantando, dançando, simulando lutas de espada entre mouros e cristãos, tocando tambores e outros instrumentos em um cortejo ricamente vestido e ornamentado. O cortejo ia até a igreja, onde os reis eram coroados, e depois voltava à sede das irmandades ou a outro local, onde se realizava um baile comemorativo, com comidas e bebidas.

O romance se difundiu de tal maneira que estendeu sua influência ao próprio imaginário popular. Chico Rei já aparecia em relatos orais anteriores à publicação do livro de Agripa Vasconcelos, que neles se inspirou; mas, posteriormente, as narrativas de congadeiros (Chico Rei seria o introdutor do **congado** nas Minas Gerais) e militantes do movimento negro seriam muito marcadas pelo romance. A figura de Chico Rei constituiria então importante referência para a afirmação das origens e da identidade dos afrodescendentes. Dessa perspectiva, as atitudes do herói na narrativa são valorizadas como sinal não só de nobreza como de astúcia, já que Chico Rei aparenta obediência aos senhores, que não suspeitam da revolta lenta, pacífica e silenciosa por ele tramada.

Por outro lado, há militantes do movimento negro que criticam justamente o modo como a figura do herói é construída no romance e em outros relatos, que apenas reforçariam estereótipos negativos sobre a "raça" negra. Chico Rei seria valorizado por membros da elite branca na medida em que nega suas características de origem, demonstrando respeito e obediência às regras estabelecidas pelos senhores brancos. Afinal, ele não promove de fato uma rebelião para libertar seu povo, mas age por meio do trabalho e da disciplina (ainda que sua história contenha um componente "malandro": o ouro escondido nos cabelos).

De qualquer maneira, lendária ou não, é certo que a história de Chico Rei tem vários elementos que correspondem a práticas e modos de ser da sociedade brasileira no período colonial, especificamente das Minas Gerais do século XVIII. A veracidade da história de Chico Rei pode ser questionada, mas não sua verossimilhança. Um dos aspectos relevantes é o fato de que o meio urbano das Minas Gerais estava entre as localidades com maior número de população forra da colônia. Muitas das alforrias eram compradas pelos próprios escravos, seja à vista, seja no sistema de coartação, comum em Minas. A coartação era uma espécie de meio-termo entre o cativeiro e a liberdade, em que o escravo ficava provisoriamente livre para conseguir meios de comprar sua alforria, a qual seria paga a prazo. Outros aspectos dizem respeito à organização e às formas de resistência da população negra, como se pode comprovar pela existência das irmandades negras ligadas à Ordem do Rosário. Por meio das irmandades, os escravos e ex-escravos ajudavam-se mutuamente, fortaleciam os laços culturais, comunitários e relembravam suas tradições – elementos que aparecem na narrativa sobre Chico Rei.

Os congados eram muitas vezes motivo de desentendimento entre os negros e as autoridades brancas, pelo caráter desafiador dos cortejos ao instituir um reinado que não era português. Drummond menciona, na crônica "Rosário dos homens pretos", duas tentativas de proibição dos congados no Brasil, uma na primeira metade do século XVIII, outra em 1771. Na prática, nenhuma das duas vingou, o que atesta o papel revolucionário das irmandades de negros no período colonial: "Esse Rei do Congo e essa Rainha Ginga, decorativos, burlescos aos olhos de hoje, mas revestidos de profunda dignidade nos breves dias do seu domínio, eram imagens evocativas de um poder real na costa africana, que o tráfico extinguira ao reduzir seus detentores à condição de escravos de eito. Por umas poucas horas, o negro voltava a ser livre. O 'rei' ou o 'imperador do Divino' exerciam jurisdição efetiva sobre seus 'súditos'. E é compreensível que, na embriaguez desse domínio, alimentassem a veleidade de estendê-lo aos próprios senhores brancos. A instituição do reinado adquiria assim um conteúdo revolucionário, que seria causa de mais de um incidente penoso, e mesmo de choques sangrentos" – afirma o poeta.

Conta-se que o mito fundador das congadas ou reinados é o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário no mar ou ainda numa gruta. Mais tarde, esse mito será atualizado com a vinculação do congado à história de Chico Rei.

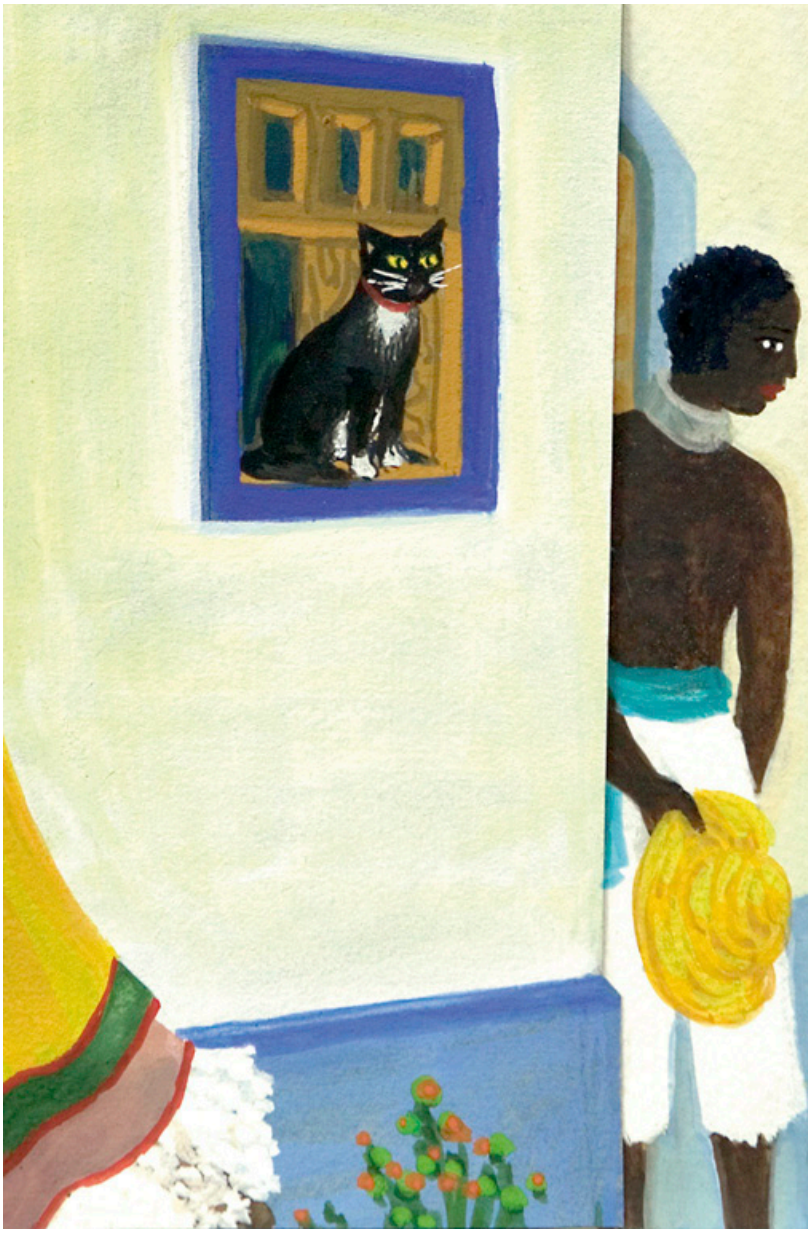
A Igreja de Santa Efigênia

No *Guia de Ouro Preto*, Manuel Bandeira retoma o texto de Diogo de Vasconcelos para falar sobre a Igreja de Santa Efigênia, cujo nome original era Nossa Senhora do Rosário dos Pretos:

"Em sua *História Antiga das Minas Gerais* narra Diogo de Vasconcelos a tradição de Chico Rei, recolhida pela primeira vez por Afonso Arinos ("Atalaia Bandeirante"), à qual está ligada a ereção desta igreja: Francisco, rei africano, foi aprisionado e vendido para escravo com toda a sua tribo. A mulher e todos os filhos, menos um, morreram na travessia do Atlântico. Os sobreviventes foram encaminhados às minas de Ouro Preto. Homem inteligente e enérgico, Chico Rei trabalhou e forrou o filho; em seguida os dois trabalharam para forrar um patrício; e assim sucessivamente se forrou toda a tribo, que passou a forrar outros vizinhos da mesma nação. Formaram entre si um como que Estado: Francisco era o rei; sua nova mulher, a rainha; seu filho, o príncipe; a nora, a princesa. A coletividade possuía a mina riquíssima da Encardideira. Tomaram como padroeira a Santa Efigênia, a cuja milagrosa imagem prestavam culto no Alto da Cruz, na capela levantada sob a invocação de N. S. do Rosário. No dia 6 de janeiro o rei, a rainha e os príncipes, vestidos como tais, eram conduzidos triunfalmente à igreja para assistir à missa cantada; em seguida percorriam as ruas dançando ao som de instrumentos africanos: era o reinado do Rosário, festas imitadas em todos os arraiais de Minas. Ainda existe à entrada da igreja a pia de pedra onde as negras lavavam os cabelos para nela deixar como donativo o ouro de que estavam empoados" (Bandeira, Manuel. *Guia de Outro Preto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1938, p. 115).

É o que se verifica nos relatos de congadeiros como Waldemiro Gomes, um dos fundadores da Federação dos Congados de Minas Gerais. Segundo ele, a festa do congado só passou a ter esse nome "por causa do rei Galanga, que veio lá do Congo pra Minas Gerais [...]. Mas era festa do reinado, é a festa do reinado de Nossa Senhora do Rosário". A Federação instituiu o uso do título vitalício de Chico Rei para um eleito entre os detentores do cargo de Rei Congo. De acordo com o antropólogo Rubens Alves da Silva, que recolheu depoimentos como o de Waldemiro Gomes, "Ao Rei Congo intitulado 'Chico Rei', todos os reis e rainhas do congado mineiro deviam obediência. Este título recupera, de certo modo, a antiga estrutura organizativa das irmandades negras mineiras" (Chico Rei Congo do Brasil. In: SILVA, Vagner G. da (org.). *Imaginário, cotidiano e poder.* São Paulo: Selo Negro, 2007, v. III, p. 57-58, Col. Memória afro-brasileira).
Além de Minas Gerais, onde estão fortemente presentes, os congados ocorrem em vários estados do Brasil e em diferentes épocas do ano – a data mais tradicional seria o mês de outubro, em função da festa de Nossa Senhora do Rosário, comemorada no primeiro domingo do mês. Uma das manifestações relacionadas ao congado é o maracatu, típico de Pernambuco. De acordo com Câmara Cascudo, o maracatu é um tipo de cortejo coreográfico que surge como um desdobramento do congado:

A capela daria lugar à igreja, que terminou de ser construída no final do século XVIII, e era administrada pela irmandade do Rosário dos Pretos, de Antonio Dias. A escolha de Santa Efigênia como padroeira deve-se provavelmente ao fato de ser uma santa negra, oriunda da Etiópia. Graças à influência da cultura africana, a igreja apresenta, em meio aos ornamentos barrocos, símbolos como conchas e chifres de animais, e a imagem de um papa negro na pintura do teto. Como teria sido construída por ordem do herói africano, a Igreja de Santa Efigênia ficou conhecida como Igreja do Chico Rei – assim como a suposta mina da Encardideira, batizada "do Chico Rei", que também se tornou um dos principais pontos turísticos de Ouro Preto.



"É visível vestígio dos séquitos negros que acompanham os reis de congos, eleitos pelos escravos, para a coroação nas igrejas e posterior batuque no adro, homenageando a padroeira ou Nossa Senhora do Rosário. Perdida a tradição sagrada, o grupo convergiu para o carnaval, conservando elementos distintos de qualquer outro cordão na espécie" (Câmara Cascudo, op. cit, p. 361). A convergência entre o congado (que existe no Nordeste desde o século XVII), o maracatu e a história de Chico Rei aparece no *Maracatu de Chico Rei*, do compositor Francisco Mignone (1897-1986). Com argumento de Mário de Andrade, o balé, composto em 1933, trata da construção da Igreja de Santa Efigênia.

O carnaval ontem e hoje

Vimos que a história de Chico Rei foi transformada em samba-enredo pela escola Salgueiro, em 1964, ano do golpe militar, que inauguraria uma ditadura de mais de 20 anos no Brasil. A história do herói negro, que trata de opressão e libertação, reaparecia em momento oportuno, marcado por grande agitação política.

As escolas de samba foram em muitos momentos responsáveis pelo resgate e pela afirmação de aspectos da cultura negra, como se vê nos sambas-enredo dedicados a personagens como Chico Rei, Chica da Silva e Zumbi dos Palmares, promovidos pela escola Acadêmicos do Salgueiro na década de 1960. Conforme explica a carnavalesca Maria Augusta Rodrigues, as escolas de samba também reforçam os laços sociais entre os membros de comunidades carentes que as frequentam.

Porém muita coisa mudou dos anos 1960 para os dias atuais. Hoje nem todos os que tomam parte do carnaval pertencem às comunidades pobres mencionadas por Rodrigues. Pessoas de fora, turistas, podem comprar fantasias e um lugar no desfile. Celebridades ganham papéis de destaque e sua presença é fundamental para promover a escola. Os desfiles de carnaval tornaram-se um grande empreendimento turístico, que movimenta muito dinheiro e depende de patrocínio e cobertura televisiva. Ainda assim, o carnaval continua sendo uma festa essencialmente popular, em que muitos lutam para manter ou resgatar a tradição de suas respectivas agremiações.

CONVERSANDO COM OS ALUNOS

ANTES DA LEITURA

Como preparação para a leitura, o professor de história pode propor uma pesquisa sobre o espaço e a época em que se passa a história de Chico Rei: as Minas Gerais do século XVIII. A atividade deve ser planejada com antecedência, pois precisa de algumas aulas para ser realizada. O objetivo é traçar um panorama geral do contexto histórico de Chico Rei. Em seguida, mais especificamente, a pesquisa será direcionada para as condições de vida e sobrevivência dos escravos naquele contexto. Como e por que foram trazidos para o Brasil? Que tipo de trabalho homens e mulheres faziam? Como viviam? O que vestiam e comiam? Como se manifestavam em termos culturais? De que recursos dispunham para resistir à opressão escravagista? Que possibilidades de libertação um escravo possuía?

Os diferentes assuntos da pesquisa podem ser distribuídos em pequenos grupos de alunos, que realizarão parte do trabalho em casa (coleta de fontes e material), parte em sala de aula (seleção do material, discussão com os colegas, elaboração de uma monografia). Além do texto, os trabalhos podem conter imagens de época sobre os temas abordados. Ao final, os resultados serão expostos em seminários para o restante da classe.

DURANTE A LEITURA

Como vimos, a história de Chico Rei suscita a discussão sobre seu caráter verídico ou lendário. Para que os alunos mergulhem na história e ampliem a leitura com a pesquisa de elementos extratextuais relacionados à personagem, o professor pode propor a realização de um debate. A turma é dividida em três grupos: o primeiro deverá defender que a narrativa corresponde a fatos históricos; o segundo, que se trata de uma lenda; e o terceiro deve propor que a história de Chico Rei combina elementos verídicos com aspectos lendários ou ficcionais.

Cada grupo deverá fundamentar a sua posição com argumentos, evidências e "provas". Esta atividade também necessitará de mais de uma aula para ser realizada, pois dependerá de pesquisa fora da sala de aula, mas também da reunião em

classe dos grupos, que, com o auxílio do professor, ensaiarão para o debate. No dia do evento, é importante que se calcule o tempo reservado à exposição dos argumentos de cada grupo, além do tempo para a discussão entre os grupos, que pode ser feito pelo sistema de perguntas e respostas, com réplicas e tréplicas. O professor será o mediador e terá a função de encerrar o debate com uma reflexão final que resuma os principais aspectos discutidos.

DEPOIS DA LEITURA

Nesta atividade, os alunos deverão relembrar outras personagens da cultura popular brasileira que também viveram situações de opressão e luta pela liberdade. Num universo semelhante ao de Chico Rei, encontram-se, por exemplo, as figuras de Chica da Silva e Rosa Maria Egipcíaca, ambas negras que subverteram a ordem de seu tempo, o século XVIII.

A pesquisa será feita na biblioteca da escola e também pela internet, podendo contar com a participação do bibliotecário da escola e do professor de informática.

Após o levantamento de dados sobre a personagem escolhida, os alunos farão, individualmente, um trabalho de criação que reconte a história dessa personagem. A forma de criação será livremente escolhida pelo aluno: texto em prosa, poema, desenho, música, encenação etc. Por fim, a produção dos alunos será apresentada em sala de aula e/ou exposta para as outras turmas, num mural, na biblioteca ou em outro espaço apropriado.

SUGESTÕES DE ARTIGOS, LIVROS, FILMES E MÚSICAS

Para os alunos

LIVROS

- Meireles, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- Mendes, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 2006.
  Em *Romanceiro da Inconfidência*, há inúmeras referências a Chico Rei, como nos poemas "Romance do Chico Rei" e "Romance IX ou do Vira-e-sai". Já Murilo Mendes relembra o rei negro em "Romance de Ouro Preto" e "Acalanto de Ouro Preto", ambos de *Contemplação de Ouro Preto*.

DVD

- *Os inconfidentes*. Brasil/Itália, 1972. Direção: Joaquim Pedro de Andrade. Colorido. 76 min. Elenco: Fernando Torres, José Wilker, Nelson Dantas, Paulo César Pereio, entre outros. Distribuição: Videofilmes. Lançamento: 2009.
  Fonte valiosa para contextualização dos conflitos entre intelectuais e governo nas Minas Gerais oitocentistas, o filme de Joaquim Pedro, feito em plena ditadura militar, metaforiza a opressão daquele período.

CD E TRILHA SONORA

- *Francisco Mignone: Maracatu de Chico Rei, Festa das Igrejas e Sinfonia Tropical*. Com a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp). Regência: John Neschling. Gravadora e distribuidora: Biscoito Fino, 2003.
  A construção da Igreja de Chico Rei é o tema do balé com argumento de Mário de Andrade, que estreou em 1939, no Rio de Janeiro, com coreografia da russa Maria Olenewa.
- Trilha sonora do filme *Chico Rei* (Brasil, Walter Lima Jr., 1986).
  Com roteiro baseado em argumento de Mário Prata, na poesia de Cecília Meireles e na tradição oral, o filme, que não foi ainda lançado em DVD, traz trilha sonora com canções sobre Santa Efigênia e Chico Rei, entre outros.

Música de Wagner Tiso e Naná Vasconcelos; letras de Fernando Brant; interpretação de Milton Nascimento e Clementina de Jesus, entre outros.
Disponível em: <http://www.acervoorigens.com/2010/10/trilha-sonora-do-filme-chico-rei-1985.html>. Acesso em: nov. 2015.

Para o professor

ARTIGO

- Alves da Silva, Rubens. Chico Rei Congo do Brasil. In: SILVA, Vagner G. da (Org.). *Imaginário, cotidiano e poder.* São Paulo: Selo Negro, 2007, v. III, Col. Memória afro-brasileira.
O texto do antropólogo faz bom apanhado do modo como a história de Chico Rei foi divulgada ao longo do tempo, trazendo uma reflexão sobre seu caráter histórico/lendário e o depoimento de fontes orais, congadeiros e militantes do movimento negro, sobre o tema. O texto pode ser encontrado no *site* do Google Livros: http://books.google.com.br/

CD

- *Missa dos quilombos*, de Milton Nascimento. Gravadora: Ariola/Polygram. Formatos: LP (1982), CD (1997).
Com música de Milton Nascimento e letras de Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, o disco evoca e partilha "o trabalho, as lutas, o martírio do Povo Negro de todos os tempos e de todos os lugares", de acordo com a letra de "Ladainha".
Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/discografia/missa-dos-quilombos.html>. Acesso em: nov. 2015.

Elaboração do guia Chantal Castelli (poeta e doutora em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo); *preparação* Fabio Weintraub; *revisão* Carla Mello Moreira